

ESCRITA E MEMÓRIA: DO MITO DE THOT AO DE UMBRIS IDEARUM DE GIORDANO BRUNO

Fabrizio Rusconi^a

Clara M^a. Salvador P. da Costa^b

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar a relação existente entre o mito platônico de Thot no diálogo *Fedro* e no *De umbris idearum* de G. Bruno, através da reformulação do binômio escrita/memória. O método de Bruno promete potencializar ao infinito a memória e pode ser lido como uma resposta à tese platônica.

PALAVRAS-CHAVE: Giordano Bruno; Platão; memória.

Recebido em: 25/01/18

Aprovado em: 10/03/18

No diálogo filosófico *Fedro*, de Platão, lê-se sobre o mítico encontro entre o deus Thot e o faraó egípcio Tamus. O mito é detalhadamente narrado por Sócrates – *dramatis personae* do próprio Platão – ao interlocutor Fedro. Estamos na parte final do diálogo que tem por tema a retórica.

^a Doutorando na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), **bolsista Capes**, Fabrizio Rusconi é professor de língua e cultura italianas. Participou, junto a outros autores, da publicação de um livro na Itália, *Guido Morselli: un gattopardo del Nord* (Pietro Macchione Editore, 2016). Além disso, colabora ocasionalmente com a revista de literatura e cultura ítalo-brasileira “Mosaico”. Em 2011, um de seus contos, “Coloniale 1921” venceu o prêmio literário *Moak*.

^b Doutoranda na Universidade de São Paulo, Clara M^a. Salvador P. da Costa pesquisa a narrativa italiana contemporânea. Sua tese baseia-se nas obras vencedoras do Premio Strega do qual por três anos foi jurada através de uma parceria entre a Fondazione Bellonci, organizadora do prêmio, e o Istituto Italiano di Cultura, escola onde leciona há 6 anos.

As razões pelas quais Sócrates introduz o mito ficarão logo claras. Sócrates explica que Thot¹ é um deus egípcio do qual ouvira falar por um forasteiro. O deus Thot – ou Theuth² – é conhecido por ser o inventor dos números, do cálculo, da geometria, da astronomia, invenções de grande interesse, às quais se unem outras de relevância bem menor, entre elas o jogo de xadrez e de dados e, “finalmente”, diz Sócrates, “os caracteres gráficos (a escrita)” (PLATÃO, 2000, p. 120). Note-se uma sensível diferença na tradução italiana por nós consultada, em que o “finalmente” se torna *soprattutto* (sobretudo), e os caracteres gráficos são traduzidos diretamente como *scrittura* (escrita) (PLATONE, 1981, p. 216). O interlocutor de Thot é, no mito, um personagem igualmente importante: Tamus, rei de todo o Egito, cuja corte então se encontrava na cidade que os helenos chamam de Tebas do Egito. Nesta região, o deus Thot era chamado de Amon, explica Sócrates a seu interlocutor. Amon, lê-se em nota, seria um equivalente de Zeus, portanto uma divindade extremamente poderosa.

Derrida enfatiza a posição estranhamente subordinada desse deus que se mostra condescendente com um humano, ainda que ele seja o rei de todo o Egito “No Fedro, o deus da escritura é, pois, um personagem subordinado, um segundo, um tecnocrata sem poder de decisão, um engenheiro, um servidor astucioso e engenhoso admitido a comparecer diante do rei dos deuses.” (DERRIDA, 2005, p. 33).

Sócrates continua resumindo as partes relevantes do diálogo supostamente ocorrido entre o deus Thot e o rei egípcio.

Nesta fase do texto, visto que cada palavra adquire sua relevância para o nosso propósito, vale a pena reproduzir integralmente a passagem

Theuth, recatosi dal re, gli esibì le proprie tecniche e disse che dovevano essere distribuite a tutti gli altri Egiziani. Il re domandò quale fosse l'utilità di ciascuna e, via via che l'altro esponeva, secondo che gli pareva ben detto o no, ora biasimava, ora lodava. Molti rilievi in un senso e nell'altro su

¹ Nas traduções italianas consultadas, o nome é verbalizado como Theuth.

² Note-se a coincidência de justo o deus da escrita ter um nome que oscila entre duas formas quase homófonas.

ciascuna tecnica, si racconta, manifestò Thamus a Theuth, che sarebbe troppo lungo passare il rassegna; ma quando si fu alla scrittura: “Questo insegnamento, o re”, disse Theuth, “renderà gli Egiziani più sapienti e più capaci di ricordare, perché è stato inventato quale rimedio per la memoria e la sapienza”. Ma il re disse: “Espertissimo Theuth, diversi sono colui che è capace di generare gli elementi di una tecnica e colui, invece, che è capace di giudicare quale grado di danno e di utilità essa possenga per quelli che ne faranno uso. Così tu ora, come padre della scrittura, per benevolenza hai detto il contrario del suo potere. Essa infatti procurerà l’oblio nelle anime di coloro che l’apprendono per mancanza di esercizio della memoria, in quanto, confidando nella scrittura, arriveranno a ricordarsi a partire dall’esterno, da segni estranei, non dall’interno di se stessi da se stessi: non di memoria dunque, ma di richiamo alla memoria hai trovato un rimedio.”³ (PLATONE, 1981, p. 216).

Observe-se que a primeira parte desta narrativa acontece no nível da diegese, veículo da qual é sempre a palavra de Sócrates que, justamente, resume a cena para o interlocutor. Quando, porém, o deus introduz a escrita, então a

³ Para fins de comparação, transcrevo a seguir a tradução da versão portuguesa do *Fedro*: “Thoth encontrou-se com o monarca, a quem mostrou as suas artes, dizendo que era necessário dá-las a conhecer a todos os egípcios. Mas o monarca quis saber a utilidade de cada uma das artes e, enquanto o inventor as explicava, o monarca elogiava ou censurava, consoante as artes lhe pareciam boas ou más. Foram muitas, diz a lenda, as considerações que sobre cada arte Tamuz fez a Thoth, quer condenando, quer elogiando, seria prolixo enumerar todas aquelas considerações. Mas, quando chegou a vez da invenção da escrita, exclamou Thoth: “Eis, oh Rei, uma arte que tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória, pois com a escrita descobri o remédio para a memória. – “Oh, Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra é julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. Por isso não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração” (PLATÃO, 2000, p. 120-121).

palavra de Sócrates cede à de Thot, veiculada pelo discurso direto. Evidentemente, esta escolha no nível da enunciação não se limita ao seu aspecto propriamente técnico, mas está impregnada de um significado que deve ser destrinchado e compreendido, mesmo porque, como tentarei explicar, está profundamente conectada à essência do diálogo, à sua mensagem profunda. Dito em outras palavras: “[...] i significati di un testo passano primeramente dai procedimenti narrativi con i quali è costruito il discorso”⁴ (BALDI, 2003, p. 11). Derrida, justamente, ainda observa que o rei do Egito terá sentenciado sobre a nocividade da invenção do deus, o qual ficará mudo (DERRIDA, 2005, p. 50). É evidente, a esse ponto, que a escolha enunciativa e a posição subalterna do deus têm um significado forte no diálogo platônico. Se Thot é o deus da escrita, é natural que seja vencido por uma voz, por uma palavra viva, a do soberano Tamus. No diálogo, a diátese introdutória ao mito, mais próxima à escrita, ou seja, ao conto, é lacerada pela voz viva de Thot que, no entanto, logo sucumbe ao poder do interlocutor e de seu veredito. Ou seja, a escrita é nociva à memória porque terá como efeito o seu enfraquecimento. O recurso dos signos externos afastará a palavra da verdade, segundo o ensinamento platônico, porque toda técnica de representação, figurativa ou abstrata que seja, está duplamente distante da *Ideia* que ela quer expressar. Os resultados desta invenção seriam, portanto, exiciais segundo Tamus. A escrita fará com que o conhecimento não seja realmente aprendido, através do ensino vivo, do exemplo de um mestre, mas mal aprendida, o que não produzirá verdade, mas a arrogância de quem acha que sabe.

No diálogo, diz-se

E ai tuoi allievi procuri presunzione di sapienza, non vera sapienza, perché avendo acquisito grazie a te molte informazioni senza insegnamento sembreranno poi pieni di conoscenza, mentre per lo più saranno privi di conoscenza, e saranno insopportabili a frequentarsi, dato che sono sapienti per presunzione, non veri sapienti”.⁵ (PLATONE, 1981, p. 217).

⁴ “[...] os significados de um texto passam primeiramente pelos procedimentos narrativos com os quais é construído o discurso” (Trad. nossa).

⁵ “Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos não a sabedoria em si mesma, mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de infor-

É preciso sublinhar a palavra *insegnamento* (ensino). Recorrendo à etimologia, *insegnamento* vem do verbo *insegnare* (ensinar), do latim *in-signare*, isto é, marcar dentro, imprimir internamente, deixar uma marca, marcar mediante *signum*, sinal ou sinete. A escrita não pode *in-signare*, uma vez que está exatamente condenada à sua exterioridade, os *signi estranei* (sinais externos), apreendidos exteriormente, de que fala Tamus. Esta consideração, nos seus reflexos etimológicos, encaminha-nos para uma metáfora extremamente produtiva no mundo antigo, a que concebe o funcionamento mnemônico nos moldes da incisão de uma escrita sobre uma tábua de cera. Mesmo neste caso, entre memória e escrita existe uma relação de contiguidade que vale a pena salientar. Escreve Yates

A metáfora utilizada em todas as nossas três fontes latinas sobre a mnemônica, que compara a escrita interior – ou impressão das imagens de memória nos lugares – à escrita em uma tábua de cera, é obviamente sugerida pelo uso, naquela época, da tábua de cera para a escrita. (YATES, 2007, p. 56).

Yates também faz referência a um outro diálogo de Platão, o *Teeteto*, no qual é empregada a metáfora da escrita na cera, para explicar o processo com o qual opera a memória, ou seja, imprimindo duradouramente na nossa alma, que é como uma tábua de cera, aquilo que vemos, pensamos, experimentamos: “há um bloco de cera em nossas almas – de diferentes qualidades, de acordo com os indivíduos – e isso é “o dom da Memória, a mãe das Musas” (YATES, 2007, p. 57). Com base nessa metáfora, compreende-se melhor a *ratio* implícita no *Fedro*, na qual a passagem de uma memória entendida como escrita interna, ou seja, como escrita metafórica, a uma escrita externa, entendida no sentido literal, assinala o perigoso discrimine entre o conhecimento verdadeiro e o presumido.

Para a segunda ordem de considerações, será necessário basear-nos em uma outra tradução do *Fedro* platônico, a realizada por Giovanni Reale. Ob-

mações sem a respectiva educação! Hão de parecer homem de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros” (PLATÃO, 2000, p. 121).

servemos em especial como foi traduzida a resposta de Tamus a Thot sobre a conveniência da sua invenção

O ingegnossissimo Theuth, c'è chi è capace di creare le arti e chi è invece capace di giudicare quale danno o quale vantaggio ne ricaveranno coloro che le adopereranno. Ora tu, essendo padre della scrittura, per affetto hai detto proprio il contrario di quello che essa vale. Infatti, la scoperta della scrittura avrà per effetto di produrre la dimenticanza nelle anime di coloro che la impareranno, perché fidandosi della scrittura si abitueranno a ricordare dal di fuori mediante segni estranei, e non dal di dentro e da se medesimi: dunque, tu hai trovato non il farmaco della memoria, ma del richiamare alla memoria.⁶ (PLATONE, 2006, p. 132).

A tradução de Reale contém uma pequena, mas significativa, diferença em relação às versões anteriores – tanto a italiana, quanto a portuguesa. Ela traduz a palavra grega *phármakon* [lat. *pharmacum*], mais fidedignamente, para *farmaco* (fármaco). As traduções consultadas vertem, por sua vez, para *rimedio*, a italiana, e “remédio”, a portuguesa, perdendo a ambivalência original veiculada pelo vocábulo grego *phármakon*: este último é, de fato, tanto um tratamento, um remédio, quanto um veneno (como explica qualquer dicionário etimológico). Uma análise aprofundada do problema encontra-se em *La farmacia di Platone* [*A farmácia de Platão*], na qual o filósofo, referindo-se ao *Fedro* de Platão, se detém exatamente na ambiguidade do termo grego *phármakon* e nos erros de tradução que dele decorreram. Escreve Derrida

⁶ “Ó engenhosíssimo Theut, há quem seja capaz de criar as artes e quem, ao contrário, seja capaz de julgar que dano ou vantagem delas extrairão aqueles que delas se utilizarão. Mas você, sendo pai da escrita, por afeto disse exatamente o contrário do que ela vale. De fato, a descoberta da escrita terá como efeito a produção do esquecimento nas almas daqueles que a aprenderão, porque confiando na escrita se acostumarão a lembrar pelo lado de fora, mediante sinais externos, e não pelo lado de dentro e por si mesmos: portanto, você descobriu não o fármaco da memória, mas do recordar a memória” (Trad. nossa).

Diferentemente de “droga” e mesmo de “medicina”, *remédio* torna explícita a racionalidade transparente da ciência, da técnica e da causalidade terapêutica, excluindo assim, do texto, o apelo à virtude mágica de uma força à qual se domina mal os efeitos, de uma dinâmica sempre surpreendente para quem queria manejá-la como mestre e súdito. (DERRIDA, 2005, p. 44).

Além disso, outro aspecto interessante indicado pelo filósofo francês está conectado à propriedade artificial do fármaco que seria, portanto, nocivo à vida natural. Veremos como a natureza ambígua do termo *farmaco*, a oscilação entre o conceito de medicamento e do seu oposto veneno, a natureza absolutamente artificial de algo que é oferecido como “ensino”, “arte”, “técnica”, “escrita”, “achado” para favorecer a memória, conecta o mito arquetípico de Platão à história humana e filosófica de um grande filósofo italiano, Giordano Bruno.

Giordano Bruno: a escrita interior do *De Umbris Idearum*

O monge dominicano Giordano Bruno, em fuga de Nápoles por ter criticado abertamente alguns dogmas, entre eles o protegidíssimo da Trindade, inicia em 1576 uma longa e dificultosa peregrinação que o fará atravessar vários reinos, várias terras e nações. Chega, enfim, em 1581, a Paris. Aqui começa um ciclo de trinta aulas extraordinárias sobre os atributos divinos “tolti da S. Tomaso, dalla prima parte [della *Summa Theologiae*]”.⁷ As aulas universitárias de Bruno chamam a atenção dos cultos parisienses, mas também do rei, Henrique III de Valois, interessado sobretudo na sua “arte da memória”. Escreve Bruno no seu *memorandum* romano – imposto a ele pela terrível inquisição [...] acquistai nome tale che Enrico terzo mi fece chiamare un giorno, ricercandomi se la memoria che avevo e che professava, era naturale o pur per arte magica; al quale diedi sodisfazione; e con quello che li dissi e feci provare a lui medesimo, conobbe che non era per arte magica ma per scienza.⁸

⁷ “retirados de S.Tomás, da primeira parte [da *Summa Theologiae*]” (Trad. nossa)

⁸ “[...] adquiri tal renome que Henrique III mandou me chamar um dia, indagando-me se a memória que eu tinha e que professava era natural ou pela arte mágica; ao qual dei satisfação; e con aquilo que lhe disse e fiz com que ele mesmo provasse, reconheceu que não era

(VERRECCHIA, 2002, p. 155).

Temos aqui uma triangulação análoga àquela que nos foi apresentada no *Fedro* de Platão pela boca de Sócrates, ou seja, um Rei, um sábio e uma “invenção” que diz respeito à uma “escrita” e à sua relação com a memória. O rei não é Tamus, mas Henrique III, o sábio não é Thot, mas Bruno, a invenção não é a escrita alfabética, mas uma arte que implica uma escrita interior apta a potencializar a memória humana. O contexto desta vez não é mítico, mas histórico.

A folha de rosto latina da obra traz os seguintes dizeres: “Iordanus Brunus Nolanus. *De umbris idearum*. Implicantibus artem, Quaerendi, Inveniendi, Iudicandi, Ordinandi, & Aplicandi: *Ad internam scripturam, & non vulgares per memoriam operationes explicatis*”⁹ (in: Bibliotheca Bruniana Elettronica, s.p.).

Segue a dedicatória “al serenissimo re dei francesi e dei polacchi” (ao sereníssimo rei dos franceses e dos polacas). Podemos avaliar que todos os elementos que estavam presentes na cena mítica original são encontrados, com o sinal trocado, no contexto cortesão parisiense. Dois deles despertam a nossa atenção: a palavra *arte*, com a indicação precisa, mas sintética, dos seus conteúdos; e a especificação de que se trata de uma *scrittura interiore* (escrita interior) que torna possível desempenhos mnemônicos excepcionais. Comparando a folha de rosto bruniana às traduções do *Fedro* que temos à disposição, nota-se que alguns escolhem a palavra *arte*, outros a palavra *tecnica*, mesmo no plural: *arti* (artes) ou *tecniche* (técnicas). Por outro lado, no tocante aos verbos, a oscilação fica entre um *inventare* (inventar) e um *scoprire* (descobrir), com os respectivos substantivos, *scoperta* (descoberta) e *invenzione* (invenção). A palavra *scrittura* (escrita) encontra-se igualmente nas três traduções. Como fica logo evidente, os campos semânticos e conceituais, bruniano e platônico, são sobreponíveis. Mas existe uma diferença substancial: se a invenção de Thot é uma escrita que funciona através de *signi estranei* (sinais externos), que provêm do *di fuori* (de fora) e não do *di dentro* (de dentro), a arte bruniana se produz internamente *ad*

pela arte mágica mas pela ciência” (Trad. nossa).

⁹ Na tradução lê-se: “*Le ombre delle idee, che racchiudono l’arte di ricercare, trovare, giudicare, ordinare, applicare: esposte per apprendere la scrittura interiore e compiere operazioni mnemoniche fuori dal comune*” (BRUNO, 2010, p. 18). Em português: “As sombras das ideias, que contém a arte de procurar, encontrar, julgar, ordenar, aplicar: expostas para aprender a escrita interior e realizar operações mnemônicas fora do comum” (Trad. nossa).

internam scripturam. Este esclarecimento, aparentemente secundário, não o é mais se lido sobreposto ao texto platônico. Assim, se a escrita por sinais externos torna-se prejudicial para a memória de quem a aprende, esta escrita interior almeja a potencialização praticamente ilimitada daquela faculdade.

Mas talvez a coincidência mais surpreendente interroge mais uma vez a ambivalência semântica expressada pela palavra *phármakon*, que é tanto um tratamento quanto um veneno, como esclarecido pelos ensinamentos derridianos.¹⁰ Nas traduções, italianas (BUR) encontramos o substantivo *ritrovato* (achado), utilizado para magnificar os frutos milagrosos do segredo hermético. Não é de fato um acaso que esta obra seja atribuída ao próprio Hermes (Ermes) que no diálogo a apresenta aos outros dois interlocutores, Logífero e Filotimo. Eis as suas palavras

Ermes: “A nessuno credo siano ignote le molte arti memorative composte da altri, ciascuna delle quali, certo perché si serve dei medesimi canoni, finisce per incorrere quasi nel medesimo ostacolo: considerando ciò, noi ci siamo proposti di far conoscere invece i frutti di questo ritrovato, con i quali più profondamente, più facilmente e più celermente si portasse a compimento una tanto illustre attività, per conseguire una così desiderabile arte”.¹¹ (BRUNO, 2010, p. 99).

¹⁰ Que veneno e fármaco sejam de antemão termos ambíguos, está expresso em pelo menos outra obra de Bruno consultada por nós, *l'Acrotismus*, contendo texto com tradução ao lado em latim. Nela, sempre brincando com a ambivalência do termo fármaco/veneno, afirma: “[...] coloro che sono soliti nutrirsi di veleno si dice che siano dotati di una facultà tale per cui, mentre sono ristorati dal veleno come da un cibo appropriato, risulta per essi fatale, di conseguenza, quanto per gli altri è vitale e funge da medicamento” (tradução de Amato, tese de doutorado). Note-se que no original em latim, as duas palavras são “veneno” e “medicina” [“qui veneno vesci consueverunt ea perhibentur facultate praediti, ut tum ipso, tamquam proprio cibo, reficiantur, tum consequenter quod caeteris est vitale atque medicina, idipsum sibi exitiale experiantur”]. Em português: “[...] diz-se que aqueles habituados a tomar veneno são dotados de uma certa aptidão com a qual, quando são nutridos pelo veneno como por um alimento apropriado, resulta para eles fatal, por consequência, a mesma porção que para os outros é vital e atua como remédio” (Trad. nossa).

¹¹ “Acredito que ninguém ignore as muitas artes memorativas compostas por outros, cada uma das quais, claro porque se utiliza dos mesmos cânones, termina por incorrer quase no

Está claro para nós a essa altura que os substantivos *invenzione* (invenção) ou *ritrovato* (achado) tem um parentesco com a palavra grega *pharmakón*: do ponto de vista orgânico, podem produzir efeitos benéficos ou prejudiciais, ou não produzir nada, não dar resultados. É dada, portanto, uma série de indicações sobre a eficácia do achado, sobre como melhor aproveitá-lo e sobre quem fará efeito. “In essa [arte] io assicuro infatti un procedimento semplice e una teoria niente affatto complicata per la sua applicazione pratica”¹². (BRUNO, 2010, p. 103). E ainda, magnificando quase que comercialmente o seu emprego: “invece questa mia arte, anche se soltanto pochi tra gli eruditi potranno intenderla, sarà però utilizzabile per tutti coloro che l’hanno intesa”¹³ (BRUNO, 2010, p. 86). A escolha de tradução mostra-se, portanto, feliz se pensarmos que *ritrovato*, mais do que uma simples *invenzione*, torna explícita a ligação com o fármaco e com a sua original ambivalência. Consultando um bom dicionário italiano descobrimos de fato que *ritrovato* pertence tanto ao campo da ciência e da técnica, quanto ao da medicina: “i moderni ritrovati della scienza e della tecnica”/ “un nuovo ritrovato della medicina”¹⁴ e, concretamente, pode ser comercializado assim: “un nuovo ritrovato contro la caduta dei capelli”¹⁵ (RITROVATO, 1996, s.p.). Não é de todo insensato sustentar que Bruno tenha escrito esta obra em latim de forma a dar-lhe uma circulação mais ampla nas cortes europeias, garantindo, assim, em termos atuais, uma mais ampla comercialização do seu *ritrovato* (achado).

Analisemos agora um outro aspecto que pertence ao campo semântico da invenção, ou melhor, do achado: a sua natureza artificial, não natural. No *De umbris idearum*, Hermes orgulhosamente declara que a sua arte da memória é *artificium* e *cientia*. Definição que, mais uma vez, evidencia a presença de um inventor que, graças aos seus dotes pessoais, produziu *ex nihilo*

mesmo obstáculo: considerando isso, nós nos propusemos a divulgar os frutos deste achado, com os quais mais profundamente, mais facilmente e mais celeremente se levasse a cabo uma tão ilustre atividade, para obter uma arte desejável assim” (Trad. nossa).

¹² “Nela [arte] eu asseguro, de fato, um procedimento simples e uma teoria de forma alguma complicada para a sua aplicação prática” (Trad. nossa).

¹³ “Esta minha arte, ao contrário, ainda que apenas poucos entre os eruditos poderão entendê-la, será, no entanto, utilizável para todos aqueles que a entenderam” (Trad. nossa).

¹⁴ “Os modernos achados da ciência e da técnica a/ um novo achado da medicina” (Trad. nossa).

¹⁵ “Um novo achado contra a queda dos cabelos” (Trad. nossa).

algo que antes não existia: em suma, a artificialidade é valorizada. E se os laços com Platão estão evidentes em vários níveis, e até explícitos no texto no qual está dito que, propedêutica à sua arte, é um conhecimento não superficial das doutrinas metafísicas dos platônicos, introduz-se ainda a possibilidade da sua superação. Em Platão, de fato, a nocividade da invenção de Thot é decorrente da sua natureza artificial, o que está relacionado com a natureza do fármaco. Escreve Derrida (2005, p. 47): “Depois, mais profundamente, para além da dor, o remédio farmacêutico é essencialmente nocivo porque artificial”. Por outro lado, em Bruno, esta artificialidade que associa o fármaco ao seu achado mnemônico é considerada benéfica e necessária. Já fizemos considerações sobre a passagem em que se fala de *artificium* e há outras tantas em que o escopo do seu livro está indicado em “ricercare e trovare la memoria artificiale”. Escreve Ulliana

Bruno distingue, per il raggiungimento della *memoria artificiosa*, fra una via più estesa, la parte che precede il trattato dell'*Ars memoriae* vero e proprio e che va comunemente sotto il nome di *De umbris idearum*, ed appunto l'*Ars memoriae* vero e proprio: *contractior ad certum memoriae per artificium comparandae genus*. Una parte dunque che sembra essere “più condensata verso l'origine stabile di una memoria che deve essere acquisita attraverso l'artificio”¹⁶ (ULLIANA, 2005, p. 28/29).

Um outro aspecto no qual Platão é tomado por modelo mas superado é relativo à dicotomia ou antítese interno/externo, dentro/fora, verdade/mentira, etc. Aqui também deixamos a palavra a Derrida (2005, p. 49): “A saúde e a virtude, que são frequentemente associadas quando se trata do corpo e, por analogia, da alma [...], procedem sempre do dentro. O *phármakon* é o que, sobrevivendo sempre do fora, agindo como o próprio fora, não terá, jamais,

¹⁶ Bruno distingue, para o alcance da *memoria artificiosa*, entre uma via mais extensa, a parte que precede o tratado da *Ars memoriae* propriamente dito e que é comumente chamado de *De umbris idearum*, e o *Ars memoriae* de fato: “*contractior ad certum memoriae per artificium comparandae genus*”. Uma parte portanto que parece ser “mais condensada em relação ao original estável de uma memória que deve ser adquirida através do artifício” (Trad. nossa).

virtude própria e difinível”. Mas em Bruno a escrita é interior não vem de fora, ao contrário, deixa uma marca diretamente naquela tábula de cera que é a nossa alma sensitiva. Não é um parasita nem uma alergia. Relembremos a sua definição: “ad internam scripturam”.

Além de Platão

Há realmente coincidências demais para não aventar a hipótese de que Bruno conhecesse *diretamente* o mito platônico de Thot e que possa ter se apropriado, por emulação, de muitos de seus elementos. Se pensarmos ainda que entre os conteúdos desta *arte* especialíssima de Bruno existe a arte de *ordinare* (ordenar), a menção a Thot, inventor dos números e do cálculo, encontra um outro ponto de contato.¹⁷ Aliás, Platão é na obra bruniana uma referência constante, a partir do próprio gênero, o diálogo filosófico, escolhido por Bruno para apresentar a sua filosofia e as suas descobertas. Diálogo filosófico o *De umbris idearum* que, assim como a maior parte das obras brunianas, talvez a única exceção seja a comédia teatral *Il candelaiolo*, lembra Platão desde o título. Tanto o conceito de *idea* (ideia) quanto o de *ombra* (sombra) são os conceitos base da grande construção mítico-alegórica da filosofia platônica. Impossível usá-los impunemente depois de Platão. De todo modo, Bruno é um neoplatônico exatamente como Marsilio Ficino e outros importantes autores do Renascimento. Evidentemente, o seu sistema mnemônico não é banalmente um fim em si mesmo – como todos os outros sistemas mnemônicos –, mas sim consente um caminho metafísico e cognitivo que somente uma sua leitura filosófica pode captar. Acredito que deva ser entendida em tal sentido a indicação da página de rosto segundo a qual se trataria de uma escrita interior “non vulgares per memoriam operationes explicatis”. Está aqui traçado, parece-me, um caminho cujo sentido é filosófico e metafísico. Yates é certa quando destaca a ligação mágica entre o mundo terreno e o hiperurânio – ou acima do céu – cujo elemento unificador e transformador são justamente as

¹⁷ Poder-se-ia investigar ainda a ligação entre os números e o cálculo e a atividade do “contare”/raccontare (contar), que etimologicamente têm a mesma raiz. Thot, inventando os números e o cálculo, também faz emergir das trevas míticas e pré-lógicas a atividade humana do contar, tornando-a possível através da escrita.

imagens – pedra angular do sistema mnemônico de Bruno: “Ao manipular ou utilizar as imagens das estrelas, manipulam-se formas que estão mais próximas da realidade do que os objetos do mundo inferior, que dependem, todos, das influências estelares” (YATES, 2007, p. 273).

Enfim, o maior indício, quase uma prova inquestionável a favor da hipótese de uma continuidade desejada entre Thot/Platão e o autor de *De umbris idearum*, é a constatação de que não apenas Bruno cita Thot, mas também utiliza seu nome em conformidade ao tratamento dado por Platão ao mesmo deus, em uma história progressiva das invenções que, na obra de Bruno, encontrava realização e satisfação. Assim, no *De umbris idearum*, é apresentada ao leitor uma lista de nomes de inventores, inscrita em uma roda da memória, cuja origem é tanto mítica quanto histórica. Entre eles, Quíron, inventor da cirurgia; Circe, da fascinação; *Phármakon*, da necromancia (e aqui volta, a meu ver, o veneno de fármaco, indicado pelo seu efeito mortífero); Zoroastro, da magia; Caldeu, da piromancia; Gíges, da pintura; Anfião, das notas musicais; e, sobretudo, Thot, “inventore della scrittura con lettere” (inventor da escrita com letras). Bruno cita muitos nomes, ostentando a sua imensa cultura enciclopédica: entre eles, encontramos também Platão, indicado pela epigramática anotação de “sulle idee a partire dalle idee” (sobre as ideias a partir das ideias); e, enfim, aparece ali um misterioso “Ior.”, nome associado a esta inscrição: “in clavis & umbras”. Para a decifração deste nome abreviado e da inscrição que se lhe refere, assim como para todos os outros nomes aqui lembrados, baseamo-nos no texto de Yates, no qual a estudiosa explica: “O inventor da “chave” e das “sombas” é Iordanus Brunus, abreviado como “Ior.”, autor de *Clavis magna* e *De umbris idearum*” (2007, p. 280). Falta uma última “coincidência” que pode ser explicada recorrendo à nossa hipótese, ou seja, a comprovada identidade entre os deuses egípcio Thot e o grego/latino Hermes/Mercúrio, ambos, pela confluência das duas culturas e tradições, indicados como os inventores da escrita alfabética. Observou-se, todavia, que o Hermes de Bruno não figurava como o inventor da escrita alfabética, mas apresentava a sua invenção, ou seja, a escrita interior. Por conseguinte, curiosamente, o *De umbris idearum* é obra de dupla paternidade: por um lado, está associada a Hermes e, por outro, julga-se que tenha sido escrita por Bruno. A conclusão a ser tirada é

esta: Bruno considera-se um novo Hermes e, por isso, o seu nome, Ior., foi inscrito na lista histórico-mítica dos inventores arquetípicos. A essa altura o jogo é revelado, e a nossa hipótese confirmada até pelas palavras da própria Yates que soam verdadeiramente conclusivas. De acordo com a estudiosa, de fato apresentando Hermes/Mercúrio como o inventor da escrita interior e da arte da memória, Bruno representa a sabedoria interior que, segundo Tamus, os egípcios teriam perdido quando foi inventada a escrita externa, baseada em caracteres alfabéticos (YATES, 2007, p. 334).

Referências

BALDI, Guido. *Narratologia e critica: teoria e esperimenti di lettura da Manzoni a Gadda*. Napoli: Liguori, 200³.

BRUNO, Giordano. *Le ombre delle idee; Il canto di Circe; Il sigillo dei sigilli*. Milano: BUR, 2010.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogerio Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

PLATONE. *Dialoghi filosofici*. Vol. II, a cura di Giuseppe Cambiano. Torino: Unione Tipografico-editrice torinese, 1981.

_____. *Fedro*. Trad. Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2006.

_____. *Fedro ou da beleza*. Trad. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

ULLIANA, Stefano. *Il De umbris idearum di Giordano Bruno*. Roma: Aracne, 2005.

VERRECCHIA, Anacleto. *Giordano Bruno*. Roma: Donzelli Editore, 2002.

YATES, Frances A. *A Arte da memória*. Trad. Flavia Bancher. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

On-line:

Bibliotheca Bruniana Elettronica. Disponível em: <<http://www.giordanobruno.it/bibliotheca/bruniana.html>> Acesso em: 22/08/2017

Dicionário:

RITROVATO: in *Treccani, dizionario* (1996). Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/ritrovato/>> Acesso em: 22/08/2017

WRITING AND MEMORY. FROM THE MYTH OF THEUTH TO THE *DE UMBRIS IDEARUM* OF GIORDANO BRUNO

ABSTRACT

This article aims to show the link between the Platonic myth of Theuth in the *Phaedrus* dialogue and in *De umbris idearum* of Bruno, through the reformulation of the writing/memory binomial. Bruno's method promises to infinitely potentiate memory and can be read as an answer to the Platonic thesis.

KEYWORDS: Giordano Bruno; Plato; memory.